



IV Colóquio de História da Educação

ELAS PASSARAM POR AQUI: RECONHECENDO O SABER FAZER DAS ARTESÃS DA RENDA DE BILRO EM CRICIÚMA (1950-1980)

Jaqueline Damázio, jaquee.livre@hotmail.com.¹

Marli de Oliveira Costa², moc@unesc.net.

1 Introdução

Trata-se de um estudo que identificou e localizou as mulheres e/ ou familiares que trabalhavam na fabricação das rendas de bilro em Criciúma- SC entre os anos de 1950 a 1980. Essas mulheres vieram do litoral catarinense, principalmente dos municípios de Laguna e Imaruí para a cidade de Criciúma, durante o ciclo da mineração do carvão. **Objetivo-** A proposta investigativa oferece visibilidade a um dos fazeres da cultura popular, identificado como patrimônio imaterial de Santa Catarina. Esse estudo é continuidade de um projeto amplo que o Grupo de Pesquisas: Patrimônio Cultural: Histórias e Memórias desenvolveram durante os anos de 2013 e 2014, intitulado: “Circulando pela cidade, reconhecendo o patrimônio imaterial de Criciúma”. O objetivo desse texto é reconhecer a manifestação do patrimônio imaterial na arte de saber fazer rendas de bilro, em Criciúma entre os anos de 1950-1980 buscando dar visibilidade as práticas de algumas rendeiras.

Metodologia- Para alcançar o objetivo foi utilizada basicamente à metodologia da história oral de vida, associada à coleta de depoimentos registrados em formulário construído para esse fim. Dessa forma foi construído o *corpus* da pesquisa. No entanto, a revisão bibliográfica acerca dos trabalhos de renda de bilro em Santa Catarina e outras categorias referentes ao objeto de estudo foram imprescindíveis para a compreensão dessa atividade como patrimônio imaterial associado aos fazeres da cultura popular. As Histórias de vida foram feitas com rendeiras, os depoimentos com vizinhos, vizinhas e familiares das rendeiras. Em um primeiro momento foram entrevistadas duas rendeiras:

¹ Acadêmica do curso de história. Universidade do Extremo sul Catarinense- UNESC jaquee.livre@hotmail.com.

² Professora Orientadora do projeto de pesquisa. Universidade do Extremo sul Catarinense- UNESC. moc@unesc.net.



IV Colóquio de História da Educação

Maria Brasil Rocha, nascida em 1925 e Custódia Ramos Mello, nascida em 1924. As entrevistas foram transcritas e estão sendo devolvidas as entrevistadas, de acordo com o que estabelece a metodologia da história oral (MEIHY, 1996). Os formulários aplicados aos familiares e/ou vizinhos contam com os seguintes dados: identificação, grau de parentesco ou vizinhança, nome da rendeira citada, cidade que morava, motivo da vinda para Criciúma, como e com quem comercializava sua arte. Essas fichas estão sendo finalizadas para organização do estudo. Além das discussões em torno do conceito de patrimônio cultural foi necessário o levantamento de vários estudos que abordam a história das atividades carboníferas que incentivou a migração para Criciúma de pessoas que viviam no litoral, sendo que trouxeram junto com a mão de obra, sua cultura.

Alguns resultados- A exploração carbonífera em Santa Catarina iniciou em fins do século XIX. Em Criciúma sua exploração efetiva deu-se a partir de 1913. No entanto, foram na década de 1940 e 1950 que teve seu maior auge, atraindo as pessoas para cidade.

Com a ideia de progresso veiculada pelas atividades carboníferas, Criciúma recebeu migrantes do litoral e de outros lugares o Estado de Santa Catarina, visto que todos buscavam oportunidade de emprego. A economia em função da extração de carvão, juntamente com a ideologia do progresso, eram estampadas nos jornais da época, como afirma Alcides Goularte Filho, na apresentação do livro *Memória e Cultura do Carvão em Santa Catarina* (2004. p.7). Um jornal da época, “O Albor” de Laguna em uma visita a cidade do carvão em novembro de 1946, referia-se a Criciúma como cidade exemplo de economia e utilizava palavras como: “esplêndida”, uma “Colméia de trabalho intenso”, falava- em, “Trabalhador, ordeiro, acolhedor, e amigo”. Um belo chamariz para quem está procurando uma nova oportunidade de vida, em um novo lugar para viver e criar seus filhos.

Foi assim que muitas famílias vieram para Criciúma. Além de alguns imigrantes Europeus, contratados especialmente para os trabalhos as aberturas de minas de carvão, outros vieram do litoral e das regiões próximas como, Laguna, Tubarão, Imaruí, todos em busca de emprego. Junto com a mão de obra veio também à cultura relacionada às práticas, saberes, fazeres, ritos e outras. Uma dessas práticas foi o trabalho com as rendas de bilro.



IV Colóquio de História da Educação

Quando as famílias operárias chegavam à cidade, iam morar nas vilas operárias mineiras, lugares esses, construídos para as famílias dos trabalhadores mineiros pelas empresas mineradoras. Algumas das esposas dos mineiros eram rendeiras, que com a confecção de rendas de bilro, ajudavam na renda familiar.

As Rendas de Bilro faz parte do artesanato de Santa Catarina, que se encontra vinculadas a imigração portuguesa e açoriana, sendo reconhecida, como arte popular. Mario Andrade ‘estendeu o conceito de arte alcançando os saberes da cultura popular; utilizou a palavra “arte” para evocar a habilidade com que o engenho humano se utiliza da ciência, das coisas e dos fatos. (Andrade,1981,p.44), ele classificou a arte em oito categorias entre elas, a “arte popular” (LEMOS, 1982).

Na arte popular produz-se a cultura popular, sendo cultura como, sugere Canclini (1982), “um processo social de produção”. No entanto atualmente o conceito de patrimônio cultural imaterial abarca também as categorias arte e cultura popular. A partir do decreto 3.551, de 04 de Agosto de 2000, foi que se instituiu, o Registro de Bens Culturais de natureza imaterial, como mecanismo de preservação, guarda e memória desses bens. Registro é a inscrição do bem cultural em um livro de acordo com sua categoria, atualmente o patrimônio imaterial foi dividido em quatro categorias principais, os saberes, as celebrações, formas de expressões e lugares.

A Renda de Bilro pode ser Registrada no Livro dos Saberes. No entanto, essa arte em Santa Catarina, ainda não recebeu o registro, como patrimônio imaterial. Várias pesquisas identificam que a arte de fazer rendas de bilro é uma tradição, que vem sendo repassada de geração em geração, principalmente no Estado, no entanto, todas as que foram encontradas nessa investigação tratam das rendeiras de Florianópolis. A arte de fazer rendas de bilro deve ser reconhecida como “saber fazer” um patrimônio cultural imaterial. Patrimônio cultural diz respeito a todas as relações que apresentam um significado especial, afetivo, político ou social para um lugar. O Patrimônio cultural pode ser dividido em bens tangíveis e intangíveis, ou seja, na cultura material e imaterial. Compreendemos como bens tangíveis, monumentos, edifícios construídos pelos humanos ou rios, vales, montanhas, matas erguidos no processo natural desse planeta. Os intangíveis, ou imateriais são os “saberes”, técnicas, práticas culturais que envolvem a culinária, o artesanato, a música, as fábricas rudimentares, a dança, as artes de forma geral (LEMOS 1987).



IV Colóquio de História da Educação

Dando enfoque a esta cultura, trazida para Criciúma, ao qual eu cresci vendo minhas tias confeccionarem rendas foi à busca destas rendeiras, sendo encontradas somente duas vivas, e alguns familiares com suas lembranças. Chamou atenção o cotidiano de três rendeiras, duas da cidade de Imaruí, e uma da cidade de Laguna. Que saindo de sua terra natal, iniciaram o trabalho, minucioso, delicado, com o trançar das linhas por meio dos bilros, tramavam maravilhas, apreciadas por muitas mulheres em Criciúma. Mais que um simples artesanato, era um meio de sobrevivência. Quem eram essas mulheres? A pesquisa identificou as seguintes rendeiras que vieram durante o ciclo da mineração para Criciúma:

Tabela 1-

Nome da rendeira	DataNasc/ Morte	Ano que veio p/criciúma	Cidade de onde veio
Maria Alexandrino (D. Bica)	1905-1996	1958	Imaruí
Paulina do Carmo de Oliveira		1959	Imaruí
Corina Alexandrino	Dec 1890-?	Década de 1930	Imaruí
Maria Conceição Alexandrino	1930-2010	Década de 1930	Imaruí
Alba Alexandrino	1925-	Década de 1930	Imaruí
Águida Alexandrino	1910-1996	Década de 1930	Imaruí
Maria de Oliveira Alves	1931-2014	Em torno de 1956 Retornou em 1972	Imaruí
Dilma de Souza Nasc	1924 a 1993	1964	Imaruí
Florentinha de Oliveira Costa	1934-2001	1963- 1966 1972-.....	Imaruí
Madalena	1909 a 1999	1957	Imaruí
Maria	1925	1955	Imaruí
Custódia	1923	Década de 1960	Laguna / nasc
Maria Cardoso	1909 dec. de 70	1964	Imaruí

As análises das entrevistas e dos depoimentos mostram que praticamente todas as rendeiras aprenderam seu ofício na infância, entre 07 e 08 anos. Apenas duas delas



IV Colóquio de História da Educação

aprenderam aos 13 anos de idade. Aprenderam com a mãe, a irmã mais velha, outros parentes ou vizinhos.

Para mostrar a forma como realizavam esse ofício utiliza as lembranças de duas rendeiras e cotejo com as informações contidas nos formulários preenchidos pelos familiares das rendeiras falecidas.

A pesquisa identificou que até meados dos anos de 1990 havia comércio de rendas na cidade de Criciúma, no entanto a atividade foi se finalizando com a morte das rendeiras, pois o ofício não perdurou entre as gerações. O motivo foi à crença de que esse trabalho era árduo e não valorizado o suficiente para estimular as filhas a continuarem. Por exemplo, uma colcha podia levar três meses para ser concluída. A rendeira dividia-se entre os trabalhos domésticos e seu ofício.

Conclusão

Compreende-se então que o Ciclo do Carvão, além de ser uma referência econômica em Santa Catarina, modificou a vida social e proporcionou trocas culturais. Podendo confirmar a existência deste, patrimônio cultural, na cidade Criciúma, em função da mineração e que, para além de uma arte popular, contribuiu para a economia da cidade. Podemos afirmar então: “elas passaram por aqui”.

Referencias

ANDRADE, Mario de. In: LEMOS, Carlos. **O que é Patrimônio Histórico, 1981.**

ANGELO Elis Regina Barbosa. **Tecendo Rendas: Gênero, Cotidiano e Geração/Lagoa da Conceição Florianópolis – SC.** Dissertação de Mestrado. PUC/SP, 2005.

BOSI, Eclea. **Memória e sociedade: lembranças de velhos.** São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 1995.

CANCLINI, Néstor García. **As culturas populares no capitalismo.** São Paulo: Brasiliense, 1982.

DE CASTELLS, Alícia Norma González e GODOY, Clayton Peron Franco (orgs). **Ecos e Imagens do Patrimônio Imaterial: inventário nacional de referencias culturais do sertão de Alongo.** Florianópolis, SC: Iphan, 2008.



IV Colóquio de História da Educação

FILHO, Alcides Goulart. Memória e Cultura do Carvão.

LEMOS, Carlos. **O que é Patrimônio Histórico, 1987.**

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **(Re) introduzindo História Oral no Brasil.** São Paulo: Xamã, 1996.